

CORREÇÃO DE ENTRÓPIO EM CORDEIRO – RELATO DE CASO

MARIANA PEREIRA MARTINS¹; FABRÍCIO ARIGONY BRAGA²; JOSAINÉ DA SILVA RAPPETI³; THOMAS NORMANTON GUIM⁴; ANDRÉ FERNANDES PERES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – mariana_pmartins@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bragafa@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – josainerappeti@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – thomasgim@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – andfperes@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O entrópio é definido como inversão de toda ou parte da margem palpebral, resultando no atrito da pele externa contra a córnea, a conjuntiva ou ambas podendo resultar em irritação superficial (SLATTER, 1998; STADES; van der WOERDT, 2013). Os sinais clínicos mais comuns são: epífora, blefaroespasmó (contração da pálpebra), inversão do bordo palpebral, secreção mucopurulenta, enoftalmo, ceratites e edema, seqüestro ou ulceração de córnea, além de conjuntivites de diferentes graus (STADES et al, 1999).

Comum em cães e equídeos, frequentemente essa condição é observada também em ovinos, ainda filhotes (DREYER et al., 2011). Pearce; Moore (2013) comentam que a incidência pode variar de 1 a 80%. Segundo Viana et al. (2006), o entrópio pode ser classificado em primário, quando há um defeito de desenvolvimento; ou secundário, adquirido resultante de outras alterações oculares. Também pode ser classificado como leve (inversão de 45°), moderado (inversão de 90°) e severo (inversão de 180°) (STADES; van der WOERDT, 2013).

Geralmente, o diagnóstico é alcançado facilmente durante avaliação clínica e na maioria dos casos em que é necessária a correção cirúrgica, a evolução é satisfatória (COPPIETER, 2007). A técnica cirúrgica mais aplicada e que proporciona os melhores resultados é o procedimento de Hotz-Celsus (SLATTER, 1998).

O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de entrópio observado em um cordeiro e sua resolução cirúrgica.

2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas, um cordeiro da raça corriedale, fêmea, de aproximadamente 30 dias de idade e com peso corpóreo de 4kg. O proprietário relatara secreção aquosa e que havia uma mancha na córnea do olho esquerdo, bem como notara desconforto no animal. Ao exame clínico, o paciente apresentava-se saudável. Ao exame oftalmológico, foram notadas epífora, inversão palpebral de aproximadamente 180° com triquiase, leucoma em córnea paraxial inferior e hiperemia conjuntival. O teste da fluoresceína resultou negativo. O diagnóstico foi de entrópio e o paciente foi encaminhado para a cirurgia.

A medicação pré-anestésica constou de uma associação de acepromazina (0,05 mg/kg) e tramadol (2 mg/kg) pela via intramuscular. A indução anestésica foi realizada com propofol (5 mg/kg) por via intravenosa e o paciente foi intubado e

mantido em circuito reinalatório semi-aberto com isofluorano vaporizado em oxigênio a 100%.

Após procedimentos de tricotomia, posicionamento, antissepsia e colocação dos campos operatórios, foram realizadas duas incisões no formato elíptico abaixo da borda da pálpebra inferior e removido aproximadamente 1 cm de pele, bem como um pequeno segmento do músculo orbicular do olho. Ato contínuo aos procedimentos de hemostasia, a ferida foi suturada com náilon 4-0 em padrão isolado simples.

Como medicações pós-operatórias foram administrados meloxicam (0,2 mg/kg) por via intramuscular, uma vez ao dia, por 4 dias e Epitezam® de 8 em 8 horas sobre a ferida após limpeza com solução fisiológica. Os pontos foram removidos aos sete dias de pós-operatório.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O entrópio tem ocorrência comum em cordeiros e seu tratamento depende da severidade, do número de animais afetados e também valor financeiro do indivíduo (PEARCE; MOORE, 2013).

Esta doença pode levar a formação de úlceras corneanas (STADES; van der WOERDT, 2013). O leucoma observado durante o exame oftalmológico do paciente, possivelmente foi resultante de processo cicatricial decorrente da presença de úlcera corneana anterior, concordando com relato de Slatter (2005) onde é citado que a má conformação de pálpebra e face, como entrópio, distiquíase, triquiase ou cílios ectrópios podem causar processos ulcerativos.

O entrópio do paciente relatado, foi classificado como severo e demandou o uso da técnica cirúrgica para a correção. Segundo Slatter (1998), a técnica para correção de entrópio que proporciona o resultado mais consistente é o procedimento de Hotz-Celsus, a qual foi preconizada para o paciente em questão.

A remoção de pequena porção do músculo orbitário pode ser realizada durante a técnica em casos graves do entrópio a fim de produzir maior cicatriz interna e reduzir a intensidade do estiramento cutâneo pós-operatório, porém deve-se ter cuidado para não seccionar a conjuntiva palpebral (COPPIETERS, 2007).

Aos sete dias de pós-operatório foi verificado um leve ectrópio que teve sua resolução nos dias subsequentes, fazendo com que a pálpebra ficasse em posicionamento fisiológico aos 4 meses de pós-operatório. Também foram avaliados a ausência dos sinais clínicos relatados pelo proprietário (SLATTER, 2005). Em geral, a realização da técnica apresenta prognóstico favorável. Caso haja fracasso no bom resultado estético, as principais razões para isso são: a não elaboração da incisão com a proximidade suficiente da margem palpebral; e a aplicação das suturas com muita distância entre os pontos (SLATTER, 1998).

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a técnica utilizada foi eficiente na resolução do entrópio, proporcionando melhor qualidade de vida pela ausência de sinais de desconforto pós-operatório.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COPPIETERS, C.C.; **Correções cirúrgicas das blefaropatias**. 2007. Monografia (Especialização em Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais) – Pós- Graduação Universidade Castelo Branco.

DREYER, C.T.; CARNESELLA, S.; MAGALHÃES, F.; BIDONE, N.; RIBEIRO, L.A.O. Entrópio em cordeiros: uma nova técnica de correção. **Veterinária em Foco**, Canoas, v.9, n.1, p. 17-22, 2011.

SLATTER, D., **Manual de cirurgia de pequenos animais**, São Paulo: Manole, 1998.

SLATTER, D., Córnea e esclera. In: SLATTER, D. **Fundamentos em oftalmologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2005. Cap. 11, p 283-338.

STADES, F.C.; NEUMANN, W.; WYMAN, M.; BOEVÉ, M.H. **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 1999.

STADES, F.C.; van der WOERDT, A. Diseases and surgery of the canine eyelid. In.: GELLAT, K.N.; GILGER, B.C.; KERN, T.J. **Veterinary ophthalmology**. AMES: Wiley-Blackwell, 2013. p. 832-893.

PEARCE, J.W.; MOORE, C.P. Food animal ophthalmology. In.: GELLAT, K.N.; GILGER, B.C.; KERN, T.J. **Veterinary ophthalmology**. AMES: Wiley-Blackwell, 2013. p. 1610-1674.

VIANA, F.A.B.; CRONEMBERGER S.S.; BORGES K.D.A.; FULGÊNCIO, G.D. Aspectos clínicos do entrópio de desenvolvimento em cães da raça Shar Pei. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária e Zootecnia**. v.58, n.2, p.184-189, 2006.